

Dora Kramer*

Pressões põem em xeque funcionamento de CPIs

Pode ser coincidência ou mera impressão, mas que determinadas atitudes de ministros do Supremo e dos presidentes da Câmara e do Senado espalham um aroma de operação abafa no ar de Brasília, isso é evidente.

No STF anulam-se quebras de sigilo aprovadas em comissões de inquérito e liberam-se convidados e convocados de comparecer a CPIs enquanto no Congresso o deputado Hugo Motta (Republicanos) e o senador Davi Alcolumbre (União Brasil) interditam a prorrogação da CPMI do INSS e impedem investigações sobre o Banco Master.

Os argumentos apresentados têm lá seus fundamentos, mas o resultado prático é que a prerrogativa dos parlamentares de fazer investigações no âmbito político está sendo cassada. Muito se diz sobre a perda de utilidade de comissões de inquérito, usadas como meio de exibicionismo e outras razões mais gravosas.

É verdade, mas essa deformidade não será corrigida a poder da imposição de restrições que paralisam os trabalhos e aprisionam as CPIs na condição de mero circo. Quando parlamentares sérios são

impedidos de fazer o que lhes confere a Constituição, uma das funções do Poder Legislativo é revogada pela falta de uso.

Pode ser só impressão, mas parece que há interesses escusos no descrédito das comissões de inquéritos. Se há os baderneiros que tumultuam o ambiente, que o comando do Parlamento tome providências contra eles. Ou a gritaria, a pancadaria e os abusos não configuram quebra de decoro?

Não fosse a visibilidade dessas comissões, não teríamos a cassação dos anões do Orçamento, a descoberta do Fiat Elba que derrubou Fernando Collor, as condenações do mensalão a partir dos depoimentos na CPI dos Correios. São exceções e, como tais, justificam a regra desse tipo de investigação.

Poderia ser, mas não é coincidência que daqueles tempos para cá não tenhamos visto efetividade nos inquéritos parlamentares. Em parte, por culpa dos próprios; em grande parte — talvez a maior— devido a interferências travestidas de respeito ao devido processo legal.

*Jornalista e comentarista de política

Paulo César de Oliveira*

O STF tem que resgatar a seriedade

É realmente inacreditável o que vem acontecendo com o STF — Supremo Tribunal Federal — nos últimos tempos. O órgão máximo do Judiciário brasileiro foi durante muito tempo inatacável, sob todos os sentidos, pela condução isenta — algumas vezes questionada dentro dos aspectos jurídicos, é verdade — de todos os problemas sérios pelos quais este país passou, passa agora a ser atacado por todos os lados.

Há sim, não se pode desprezar, fogo vindo da radicalização política que visa desmoralizar o órgão como forma de tornar questionáveis suas decisões envolvendo políticos, mais diretamente as condenações pelo 8 de janeiro. Mas nem tudo se explica pela radicalização.

Algumas questões envolvendo ministros — os mais atacados são Alexandre de Moraes e Dias Toffoli e o decano Gilmar Mendes — precisam ser bem esclarecidas, não deixar dúvidas na sociedade. Afinal, ao STF cabe a palavra final em praticamente tudo neste país e suas decisões precisam ser respeitadas. Este é outro problema. Poucos, muito poucos, são os que têm noções

jurídicas, mas muitos, a imensa maioria, são os que vestem uma toga imaginária para questionar, acusar e colocar sob suspeita as decisões judiciais. Somos, enfim, um país de “juristas”. Mas até aonde vai a atual situação? Algo precisa ser feito para restabelecer a confiança no STF e no Judiciário de uma forma geral.

O ministro Edson Fachin, atual presidente do órgão, tentou articular um Código de Ética, mas inexplicavelmente encontrou resistência entre os ministros. A ideia está viva, mas não avança. Nenhum dos ministros acusados de desvios éticos aceita a ideia da renúncia. E a oposição não diminuirá a carga de acusações, certamente até conseguir o objetivo que parece ser a anistia para os condenados pela tentativa de golpe. Mas, e depois? Temos um Executivo desacreditado — qualquer que seja ele —, um Legislativo achincalhado. Agora é o Judiciário. Situação ideal para os golpistas de plantão.

*Jornalista e diretor-geral da revista Viver Brasil

EDITORIAL

Os jovens de hoje e o futuro do amanhã

O aumento de casos de violência contra animais no Brasil, especialmente envolvendo adolescentes, acende um alerta que vai além da esfera criminal: trata-se de uma crise de valores, empatia e responsabilidade social. Em uma era marcada pela hiperconectividade e pela exposição constante nas redes sociais, atos de crueldade muitas vezes deixam de ser ocultos e passam a ser exibidos, amplificando ainda mais sua gravidade e impacto.

Não se pode ignorar que parte desses episódios envolve jovens da chamada Geração Z, nascidos em um contexto de avanços tecnológicos, mas também de desafios inéditos no campo da formação emocional e ética. A banalização da violência, o consumo desenfreado de conteúdos extremos e a busca por validação digital contribuem para a dessensibilização diante do sofrimento alheio — inclusive o dos animais, frequentemente vistos como alvos fáceis e indefesos.

Entretanto, atribuir exclusivamente aos adolescentes a responsabilidade por esses atos é uma simplificação perigosa. A base do comportamento social continua sendo construída no ambiente familiar. Pais e responsáveis desempenham papel central na formação de valores como respeito, empatia e responsabilidade. A omissão, a negligência ou mesmo a incapacidade de estabelecer limites claros

podem resultar em jovens que não compreendem plenamente as consequências de suas ações.

Educar, nesse contexto, vai muito além de impor regras. Exige diálogo, presença e exemplo. Crianças e adolescentes aprendem não apenas pelo que lhes é dito, mas sobretudo pelo que observam. Lares onde a violência, seja física, verbal ou simbólica, é naturalizada tendem a reproduzir esse padrão fora de casa. Por outro lado, ambientes que incentivam o cuidado com o outro, humano ou não, contribuem para a formação de indivíduos mais conscientes e responsáveis.

Também é fundamental reconhecer o papel da escola e das instituições na promoção de uma cultura de respeito aos animais. Programas educativos, campanhas de conscientização e a inclusão do tema no currículo podem ajudar a construir uma geração mais sensível e engajada com o bem-estar coletivo.

O aumento desses casos não deve ser tratado como episódios isolados, mas como sintomas de um problema mais profundo. Combater a violência contra animais passa, necessariamente, por repensar a educação que estamos oferecendo às novas gerações. Afinal, a forma como tratamos os mais vulneráveis, incluindo os animais, diz muito sobre o tipo de sociedade que estamos construindo.

Opinião do leitor

A humildade

Ela é uma das características de uma pessoa sábia. O ministro do Supremo Tribunal Federal André Mendonça ao proferir um discurso recente, deu provas cabais de que é uma pessoa erudita e sensata, ao afirmar que um magistrado não pode ser uma estrela durante o julgamento num processo.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: RENÚNCIA COLETIVA ESVAZIA A ACADEMIA BRASILEIRA DE IMPRENSA

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de março de 1931 foram: Morre o ministro do Supremo Tribunal Federal Leoni Ramos. Diretores e Conselheiros renunciaram aos mandatos na Associação Brasileira de Imprensa. Acidente

em Pisa mata os aviadores Maddalena, Cecconi e Da Monte. Handerson explica as políticas da Inglaterra para manter a paz mundial. Príncipe da Gales parte de Buenos Aires, na Argentina rumo a, Montevideu, no Uruguai.

HÁ 75 ANOS: TROPAS ALIADAS DOMINAM TODA A PARTE SUL DA PENÍNSULA COREANA

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de março de 1951 foram: Tropas Aliadas conseguem romper a última linha de defesa dos chineses na parte

sul da península coreana. Juventude alemã funda um partido independente, de causa operária. PTB paulista em crise política pelas rebeliões nos diretórios municipais.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 786, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.